

## Entrevista com KENNETH CAMARGO JR.

**Kenneth Rochel de Camargo Jr** concluiu o doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1993, tendo realizado pós-doutorado na McGill University em 2000/2001. Atualmente é Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, associate editor do American Journal of Public Health e editor da revista *Physis*. Vice-presidente da ABRASCO no mandato 2008-2010. Vice-presidente honorário para América Latina e Caribe da American Public Health Association, 2014-2015. Membro do Comitê Científico da World Association for Sexual Health (WAS), 2017-2012. Diretor do Departamento de Apoio à Produção Científica e Tecnológica (DEPESQ), Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR2), UERJ. [orcid.org/0000-0003-3606-5853](https://orcid.org/0000-0003-3606-5853) ResearcherID: J-4675-2013

### 1. Como se deu o seu interesse pela filosofia da ciência?

Minha graduação foi em medicina. Ainda durante a graduação, sentia certo incômodo intelectual com a fluidez da relação entre a base cognitiva e a prática na medicina, e com características já amplamente criticadas na medicina contemporânea, do ponto de vista da negação da subjetividade dos pacientes e das consequências concretas para o tratamento dessa negação. A exclusão do “subjetivo”, em alguns casos, se dava pela negação de sua cientificidade, o que me levou à busca de leituras críticas sobre a própria ciência. A minha “*entry drug*” foi *O Normal e o Patológico*, de Canguilhem (1995), daí *O Nascimento da Clínica*, de Foucault (2003), e não parei mais.

### 2. Como foi a sua formação em filosofia da ciência?

Eu hesito em responder, não sei se é arrogante dizer que tive “formação” em filosofia da ciência, mas além do caminho a que as minhas leituras me conduziram, a minha pós-graduação (residência, Mestrado e Doutorado) foram no Instituto de Medicina Social (IMS), da UERJ, onde fui exposto a toda uma literatura sobre o tema. Tive a honra de ter aulas com Jurandir Freire Costa<sup>1</sup>, que me apresentou a obra de Rorty<sup>2</sup>, e tive como orientadora no mestrado e doutorado Madel Luz, graduada em Filosofia e com pós-graduação em ciências sociais e posteriormente ciência política, que me apresentou aos clássicos das ciências sociais e à *Estrutura das Revoluções Científicas*, de Kuhn (2003). Em leituras compartilhadas com colegas que faziam doutorado à mesma época (Sérgio Carrara, também professor do IMS, e Cristiana Bastos, do ICS de Lisboa), tive acesso à *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico de*

1 Jurandir Freire Costa (1944- ), médico psiquiatra e etnopsiquiatra brasileiro.

2 Richard Rorty (1931-2007), filósofo pragmatista estadunidense.

Fleck (2010) e a textos de vários autores dos *social studies of science*, principalmente Latour<sup>3</sup> e Collins<sup>4</sup>. Minha dissertação de mestrado arranhou a superfície do tema, e a tese de doutorado me forçou a mergulhar nos STEM<sup>5</sup>.

### 3. Quais são as suas principais teses, concepções e ideias em filosofia da ciência?

Me filio ao conjunto heterogêneo que Hacking<sup>6</sup> chamou de “construcionista”, que enfatiza a historicidade e contingência no desenvolvimento da ciência, que propõe que o sujeito do conhecimento é coletivo (coletivo de pensamento, comunidade científica, campo ou arena transepistêmica), que o desenvolvimento do conhecimento depende de elementos meta-teóricos importantes (epistemê, estilo de pensamento, paradigma, estilo de raciocínio), que certos impasses formais da filosofia da ciência encontram sua solução na sociologia do conhecimento (por exemplo, toda a discussão sobre critérios de demarcação), que o fazer da ciência cria seus objetos (atualizando a problematização da “coisa em si”), que os objetos da ciência são portanto “naturais” e “culturais” a um só tempo e não há “faca epistemológica” que permita separá-los ou “gancho no céu” que dê acesso privilegiado a uma realidade última, e que valores são fundamentais para a ciência (HACKING, 1993; 2012). Mas também que a ciência é em si um valor e que merece ser defendida, que se encontra no momento sob ataque, e que a expertise em todas suas formas deve ser valorizada.

### 4. Quais são os pré-requisitos obrigatórios para que alguém seja considerado apto à pesquisa em filosofia da ciência?

Como disse anteriormente, não sei se tenho legitimidade para ditar normas a esse respeito, mas olhando para o conjunto de autores que mais me despertaram interesse, todos têm, ao lado da formação filosófica, um conhecimento aprofundado do campo de estudo a que se dedicaram. Meu melhor exemplo é o já citado Harry Collins, que se tornou, para usar suas categorias, um *expert* interacional extremamente qualificado em Física, ao ponto de suas respostas para um questionário de teste que fez para um experimento não serem distinguidas das de físicos profissionais.

### 5. Quais são as principais questões, ou temas, em filosofia da ciência?

A própria definição do que é ciência, apesar do fracasso (a meu ver) das tentativas de uma definição meramente formal de um critério de demarcação. No momento, creio que é urgente refletir sobre o problema da distorção deliberada da ciência e como abordá-la dentro de uma perspectiva construcionista, não essencialista. Além de pensar as relações da ciência com suas bases metafísicas, lembrando Burt<sup>7</sup>. Acredito serem relevantes também os questionamentos que Collins levanta sobre a questão da *expertise*, fundamentalmente a superextensão de um aspecto da crítica à ciência, que (corretamente) aponta a necessidade de inclusão de mais vozes no debate sobre temas que a envolvem, mas não consegue distinguir quem de fato pode participar desse debate, levando o autor a perguntar se seríamos todos *experts*, posição que ele evidentemente não adota.

3 Bruno Latour (1947- ), cientista social e filósofo da ciência francês.

4 Harry Collins (1943- ), sociólogo das ciências britânico.

5 *Science, Technology, Engineering and Mathematics*.

6 Ian Hacking (1936- ), filósofo canadense.

7 Edwin Arthur Burt (1892-1989), filósofo estadunidense.

## 6. Como vê a situação atual da filosofia da ciência no mundo? E no Brasil? O que poderia ser feito para aperfeiçoar esta situação?

Vejo um grande florescimento sobretudo no diálogo com os estudos sociais da ciência. Acho que, no Brasil, conversamos pouco entre nós mesmos, e considerando o clima hostil à intelectualidade em que vivemos, é mais do que passada a hora de melhor articulação.

## 7. Quais os autores que considera mais influentes em filosofia da ciência?

Não me sinto em condição de responder a essa questão no geral, mas posso falar dos que tiveram importância para mim, sem nenhuma ordenação específica: Fleck<sup>8</sup>, Kuhn<sup>9</sup>, Canguilhem<sup>10</sup>, Bachelard<sup>11</sup>, Foucault<sup>12</sup>, Collins, Latour e Hacking.

## 8. Qual a relevância da filosofia da ciência para a ciência? E para a filosofia? Haveria ainda uma terceira área do conhecimento, que poderia ‘ganhar’ com a filosofia da ciência?

Me socorro de uma citação de Collins e Pinch ao final do “Doctor Golem” (2010), quando dizem que a crítica sistemática ao conhecimento médico contribui para que este tenha maior confiabilidade. A reflexão crítica refina o próprio pensamento científico e, num certo sentido, questões fundamentais da ciência dependem de respostas, ou ao menos de problematização, no campo da filosofia. Adicionalmente, vejo a ciência sob ataque em várias frentes, e a filosofia da ciência pode ser uma poderosa ferramenta de defesa. A aproximação da filosofia em geral com problemas empíricos a enriquece em vários outros domínios (ética, estética, axiologia).

## Referências

- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. BARROCAS, M.T.R.C.; LEITE, L.O.F.B. (trad.) 4a Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995 (1943).
- COLLINS, Harry; PINCH, Trevor. *O Golem: o que você deveria saber sobre ciência*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 (1993).
- FLECK, Ludwik. *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 (1935).
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. MACHADO, Roberto (Trad.) 5ª Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003 (1980).
- HACKING, Ian. *The social construction of what?* Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999.
- HACKING, Ian. *Representar e intervir: tópicos introdutórios de filosofia da ciência natural*. MENDONÇA, André (Trad.). Rio de Janeiro: Eduerj, 2012 (1983).
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 12a Edição. São Paulo: Perspectiva. 2013 (1962).
- ROCHEL DE CAMARGO, Kenneth; NOGUEIRA, Maria Inês (Org.) *Por uma filosofia empírica da atenção à saúde: olhares sobre o campo biomédico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.
- ROCHEL DE CAMARGO, Kenneth. *Biomedicina, saber & ciência: uma abordagem crítica*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.
- Nota:** para referências às publicações do professor Kenneth Camargo, ver: <http://lattes.cnpq.br/3585073727110885>

8 Ludwik Fleck (1896-1961), médico e biólogo polonês.  
9 Thomas Kuhn (1922-1996), físico e filósofo da ciência estadunidense.  
10 Georges Canguilhem (1904-1995), filósofo e médico francês.  
11 Gaston Bachelard (1884-1962), filósofo francês.  
12 Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês.